

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. XI

JANEIRO A ABRIL DE 1906

N.ºs 1 A 4

Cinco lapides do deus Endovellico

Dadiva de Sua Majestade El-Rei ao Museu Ethnologico Português

SUA MAJESTADE EL-REI dignou-se offerecer, e ordenar que fossem remetidas, ao Museu Ethnologico Português, onde entraram no dia 16 de Abril, as cinco lapides epigraphicas do deus lusitano ENDOVELLICO que estavam engravadas na igreja dos Agostinhos, em Villa-Viçosa, pertencente á Casa de Bragança.

Estas lapides correspondem aos n.ºs 130, 131, 136, 138 e 142 do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II; a ellas me referi tambem nas *Religiões da Lusitania*, vol. II, p. 122.

O Senhor D. Carlos, ao mesmo tempo que nesse acto de generosidade, com que enriqueceu a secção epigraphica do Museu Ethnologico, mostrou o desvelo que a todo o chefe de estado devem merecer os assuntos de instrucção publica, e que a Sua Majestade merecem em particular, como homem de sciencia e delicado artista que é, quis tambem, por assim dizer, continuar uma tradição de familia, pois no sec. XVI um seu antepassado, o esclarecido duque de Bragança D. Theodosio I, salvou sete lapides epigraphicas de Endovellico, mandando-as transportar do outeiro de S. Miguel da Mota, onde era o templo do deus, para Villa-Viçosa. Assim o diz André de Resende, o pae da archeologia portuguesa: *Ibi (em Villa-Viçosa) etiam modo visuntur inscriptiones Endovellici, quas clarissimus dux Theodosius ex antiquo fano, quod extat iuxta oppidulum Therennam, asportari curavit, & inseri in frontispicio coenobii fratrum ordinis diui Augustini*¹. A taes lapides

¹ Vid. *De Antiquitatibus Lusitaniae, Eborae 1593, fl. 231.*

foram depois d'isso acrescentadas seis, que durante certo tempo se conservaram em Villa-Viçosa, na referida igreja. Das treze porém só restam hoje cinco, que são as que constituem a dadiua de El-Rei.

Como director do Museu Ethnologico Português, cumpre-me consignar n-*O Archeologo* a régia magnanimidade, o que respeitosa-mente faço.

Lisboa, 17 de Abril de 1906.

DR. J. LEITE DE VASCONCELLOS.

Medalhas de D. Miguel

Collecção organizada por José Lamas

As repetidas intrigas e conspirações, tramadas no Paço pela Rainha D. Carlota Joaquina, punham em constante sobresalto a pessoa do monarcha e impediam a regular marcha do governo do país. Ambiciosa em extremo, pretendia a irrequieta Rainha, a todo o custo, assenho-rear-se do poder, como soberana absoluta, e destronar o seu proprio esposo, a quem votava odio profundo. Para conseguir os seus fins arvorou-se em chefe do partido absolutista, chamando para junto de si o filho querido, o Infante D. Miguel, que, apesar de bastante novo, cumpria fielmente as prescrições que sua mãe lhe indicava.

Uma das mais importantes tentativas empregadas com aquelle intuito foi a célebre revolta, preparada no anno de 1823, em Trás-os-Montes, Santarem e Villa Franca, que abortou no ridiculo episodio da «Poeira».

Mallograda esta tentativa, foi necessario machinar nova revolução.

Na manhã do dia 30 de Abril do anno seguinte appareceu a cidade em estado de sitio. As tropas da capital, com o Infante D. Miguel á frente, reuniram-se no Rocio e d'ali foram ordenadas varias prisões de pessoas affectas ao monarcha.

O proprio D. João VI esteve prisioneiro do filho, durante algumas horas, no seu Palacio da Bemposta, aonde era expressamente prohibida a entrada, sem uma senha do Infante.

Para salvar um pouco as apparencias fez-se constar, por meio de proclamações, que havia sido descoberta uma conspiração contra o rei, tramada pelos *pedreiros-livres*, de quem D. Miguel o queria libertar.

D'esta critica situação foi D. João VI salvo pelo corpo diplomatico que, rompendo o cordão de tropa, penetrou, quasi que á força, nos